



1290000269



TCC/UNICAMP T699a

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMI

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GIULIANA TRAZZI

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO FORA DO AMBIENTE
ESCOLAR: EGRESSOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNICAMP.**

PROF. DRA. ELISABETE M. AGUIAR PEREIRA

**CAMPINAS, SP
2001**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO FORA DO AMBIENTE
ESCOLAR: EGRESSOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNICAMP.**

GIULIANA TRAZZI

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO FORA DO AMBIENTE
ESCOLAR: EGRESSOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNICAMP.**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para
o curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação, Unicamp, sob orientação
da Prof. Dra. Elisabete Monteiro Aguiar Pereira.**

**CAMPINAS, SP
2001**

Folha de Aprovação

Orientadora

Profa. Dra. Elisabete M. A. Pereira

Segundo leitor

Prof. Dr. José Roberto Heloani

Campinas, dezembro de 2001

UNIDADE	FE
INSTITUIÇÃO	TCC-UNICAMP
Nº	T699a
DATA	269
	124/2003
	x
	1100
DATA	05.11.03
Nº CPD	Mond. 309970

Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

T699a	<p>Trazzi, Giuliana.</p> <p>A atuação do pedagogo fora do ambiente escolar : egressos da Faculdade e Educação da UNICAMP / Giuliana Trazzi. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador : Elizabete Monteiro Aguiar Pereira.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Pedagogo. 2. Educação. 3. Educação não-formal. 4. Escolas. I. Pereira, Elizabete Monteiro Aguiar. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>01-0214-BFE</p>
-------	---

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de estar viva, aprendendo com cada passo, a todo instante.

Ao Newton pelo amor e dedicação únicos, por estar marcado em meu coração eternamente e permitir que eu faça disso a fonte que necessito para seguir sempre em frente.

Aos meus pais e ao meu irmão pela convivência e estrutura moral que apenas eles poderiam me oferecer. Aos familiares pelo berço de referências constantes.

A todos os meus amigos, mesmo os mais distantes, pois souberam se fazer presentes e indispensáveis.

Agradeço especialmente as amigas Carol, Carú, Dani, Gabri e Telma, pelo convívio diário e dotado de uma riqueza inigualável.... por todos os momentos!

Tata, por não desistir e estar ao meu lado em todos os momentos.

Regis, pela paciência e pelo interesse nos momentos de definição deste trabalho.

André pelo apoio iluminado e por estar sempre presente.

Tucori por dividir comigo sentimentos puros que são construídos no dia a dia

Ao Dagoba pela confiança e por todo o carinho que vão deixar saudades

A Eli, pela sabedoria que me empresta a cada palavra.

Sarah por ter sido um valioso presente

Lisiane e todos da La Bella Arte pela dedicação e compreensão que muito me fizeram crescer.

Adriana, Aline e Flávia por saberem ensinar como se abre uma janela, quando as portas se fecham.

Ao Mauro, meu professor inesquecível, por ser simplesmente, inesquecível.

Professora Elisabete, pela orientação e pela demonstração de competência e dedicação dentro da Universidade.

Aos egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp que, prontamente responderam ao questionário compondo assim uma parte fundamental deste trabalho

Dedicatória

Este trabalho é dedicado ao Newton, por ter estado sempre ao meu lado, com todo seu amor, carinho, apoio e compreensão ... e por ser a marca mais significativa deste momento de finalização de mais uma etapa e início de um novo caminho.

Sumário

Resumo	5
I - Introdução	6
II - Metodologia de pesquisa	8
III - Fundamentação Teórica	10
1)Especificidade da educação.....	10
2) O que se entende por educação.....	12
2.1) A Educação Extra Escolar.....	16
2.2) A Educação Formal.....	17
2.3) A Educação informal.....	18
2.4)A Educação Não-Formal.....	20
2.5) A Educação de Jovens e Adultos.....	29
3)A respeito da formação do pedagogo.....	39
IV - Análise da pesquisa	43
1) Descrição dos Sujeitos.....	43
As Atividades Profissionais exercidas e suas relações Educacionais.....	46
Contribuições e Ausências do Currículo de Pedagogia Para as Atuações Profissionais Analisadas.....	52
V Considerações Finais	56
Anexo	59
Referências Bibliográficas	60

Resumo

Este trabalho aborda a temática da Atuação do pedagogo fora do ambiente escolar. A pesquisa utiliza a abordagem qualitativa para analisar situações de egressos do Curso de Pedagogia da Unicamp entre os anos de 1998 a 2000. O questionário enviado aos sujeitos, teve como objetivo verificar as principais características de suas atuações considerando a atividade profissional exercida, a formação e as contribuições e ausências do curso para essas atividades. A fundamentação teórica toma em consideração a formação do pedagogo, a especificidade da educação, a educação não formal, não escolar e informal.

1 - Introdução

O objetivo de levantar a atuação do pedagogo fora do ambiente escolar, partiu de um interesse em conhecer o trabalho desenvolvido por pedagogos em instâncias não escolares como projetos sociais, educativos e culturais, e meios de comunicação de massa.

Durante o curso de Pedagogia, busquei me inteirar dos assuntos relacionados com estas áreas. No entanto, o currículo básico (obrigatório), pouco abordou estas temáticas, da mesma maneira que o acesso a bibliografias da área também parecia ser restrito.

Fora do contexto acadêmico ouvia-se muito a respeito da inserção do Pedagogo em empresas, em organizações não governamentais, em meios de comunicação de massa (principalmente na televisão), e em vários projetos educacionais desvinculados das escolas formais.

A solicitação do pedagogo no mercado de trabalho em instituições que não as escolares, feita principalmente através da imprensa escrita, e a pouca abordagem desta realidade dentro do curso de Pedagogia foram as situações que primeiramente direcionaram a intenção deste trabalho.

Com o início das leituras e através do acompanhamento da orientadora, foi realizada uma pesquisa com alunos egressos do curso de Pedagogia da Unicamp dos anos de 1998, 1999 e 2000. Esta pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, tendo como principal instrumento um questionário aberto enviado a todos os formados, para conhecer quais deles atuam fora do âmbito escolar. Foram identificados sete sujeitos em um universo de 100 questionários enviados.

O principal objetivo foi o de levantar: a) Quais são as atuações profissionais fora do ambiente escolar para os egressos de Pedagogia?, b) como elas se

relacionam com a formação?, c) quais as principais contribuições na grade curricular do curso?, d) quais foram as principais ausências do currículo?.

A fundamentação teórica foi elaborada considerando assuntos como a especificidade da educação, concepções de educação, formação de pedagogos, definições de educação formal, não formal, escolar, não escolar e informal, e a educação de jovens e adultos.

As análises dos dados concentraram-se nas respostas enviadas pelos sujeitos que estão atuando em atividades educacionais fora do ambiente escolar. As informações recebidas foram enriquecidas pelo diálogo com a fundamentação teórica utilizada.

A realização do trabalho ocorreu durante o ano de 2001, sendo o primeiro semestre destinado a estruturação da fundamentação teórica, envio e recebimento dos questionários e início análises. O segundo semestre foi destinado à sistematização das análises e dos dados , e elaboração final do trabalho.

II - Metodologia

Delimitando o tema

A escolha deste assunto decorreu de dois fatores determinantes e, até certo ponto contraditórios: a procura por parte de instituições não escolares em contratar pedagogos, e a procura dos pedagogos em desenvolver uma atividade profissional para além do ambiente escolar, e o quanto a formação acadêmica oferecida no curso de Pedagogia, não está privilegiando esta formação.

Justificativa

Realizar uma pesquisa nesta área, procurando abordar outros campos de atuação do pedagogo/educador, pode ser de validade para os cursos de Pedagogia que estejam revendo sua composição curricular.

A idéia de levantar essa atuação é a de possibilitar um maior conhecimentos dos campos de atuação para os egressos do curso de Pedagogia e considerando que o mercado de trabalho está abrindo oportunidades para pedagogos que não são vinculadas com a educação escolar.

Objetivo do trabalho

O objetivo deste trabalho é verificar, dentre os egressos da faculdade de educação da Unicamp no período dos últimos de três anos, quais são as atividades profissionais exercidas fora do ambiente escolar e de que forma os conteúdos abordados no curso auxiliam o desempenho dessas atividades.

Caminhos Metodológicos

Utilizei um questionário aberto enviado através de correspondência para os 100 egressos dos últimos três anos da Faculdade de Educação da Unicamp, cujos endereços constavam no cadastro da coordenação. (anexo).

O questionário teve por objetivo, ao contatar os egressos, verificar quais atuavam profissionalmente dentro de sua área de formação e fora do ambiente escolar. Para isto foram elaboradas questões referentes a: área de atuação, tipo de instituição na qual trabalham, características das funções exercidas, motivos que levaram os profissionais a exercerem suas funções, e as contribuições e restrições do currículo do curso de Pedagogia para as atividades profissionais exercidas.

Triviños (1987), afirma que para uma pesquisa qualitativa, o interesse maior está na preocupação com o contexto social no qual está o sujeito a ser analisado. É dada também importância à questão do comportamento humano como tendo um significado maior do que a quantidade das manifestações. De acordo com este pressuposto, os dados obtidos na pesquisa serão analisados considerando as situações específicas nas quais estão inseridos cada um dos profissionais e suas diferentes atuações.

Ludke e André (1986), apontam para a concepção de pesquisa qualitativa em educação como uma maneira de se ir além dos dados estatísticos e verificar, mesmo que apenas para aquela realidade, situações e implicações importantes para serem pensadas pelos pesquisadores na área educacional.

As respostas serão analisadas individualmente, dando um tratamento diferenciado para cada sujeito, enfatizando as diferentes áreas e maneiras de atuação para depois, cruzar as informações elaborando uma possível linha de atuação do pedagogo fora do ambiente escolar, de acordo com as teorias que fundamentam este trabalho.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

III - Fundamentação Teórica

1) Especificidade da educação

Para o desenvolvimento do tema, foi necessário aprofundar as questões relacionadas a especificidade da educação, já que este trabalho trata da atuação de educadores em diversos meios e, muitas vezes não considerados educativos.

Segundo Saviani (1984), pedagogia significa, além do já conhecido sentido literal “condução de crianças”, o meio que leva à formação cultural dos indivíduos. Neste sentido, o pedagogo é aquele que fornece acesso à cultura, cuidando da organização do processo desta formação cultural, o que envolve o domínio de formas, procedimentos e métodos que garantem aos sujeitos o acesso ao patrimônio cultural conquistado pelos homens.

Na concepção de Libâneo (2000), pedagogia é,

“uma reflexão teórica a partir e sobre as práticas educativas. Ela investiga os objetivos sociopolíticos e os meios organizativos e metodológicos de viabilizar os processos formativos em contextos socioculturais específicos. Todo educador sabe, hoje, que as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não-formais, informais. Elas acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e também, nas escolas. A ação pedagógica não se resume a ações docentes, de modo que, se todo trabalho docente é trabalho pedagógico, nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente.” (p.7).

Este autor afirma ser grande o número de educadores que rejeitam a ampliação do campo de atuação dos pedagogos, ou seja, é forte a corrente que determina ser a especificidade da pedagogia, a atuação em escolas, principalmente a atividade docente. Sobre esta visão, considera ser um grande equívoco e também

uma falta de conhecimento profundo do que seria a especificidade da educação e da pedagogia, bem como seus significados.

Também aponta como uma possível causa do estreitamento da visão sobre a abrangência da pedagogia, o movimento ocorrido em meados da década de 80 que traduzia pedagogia como "habilitação de profissionais". Isto fez os cursos de pedagogia reduzirem os seus estudos específicos, resultando, por diversas vezes, na manifestação de alguns sociólogos, psicólogos e filósofos que defendem em seus estudos sobre a educação, a extinção dos cursos específicos de Pedagogia. Para o autor, estes profissionais ignoram portanto, que o "papel" da pedagogia é articular os diferentes estudos de cada uma das áreas abordadas.

Tomando com referência as definições de Libâneo (2000), podem ser considerados pedagogos "lato sensu", todos os professores de todos os níveis de ensino e também os demais profissionais que se ocupam com questões da prática educativa em diversas modalidades.

Assim podemos entender que pedagogos a "stricto sensu" são todos aqueles que além de sua atuação no ensino, dedicam-se também a outras atividades como *"atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições"* (Libâneo:2000, 29).

2) O que se entende por educação

Brandão, em sua obra “O que é Educação”, (1981) defende que o conceito de educação foi estabelecido, para além das aulas e de todo sistema de ensino-aprendizagem realizado no interior das escolas, nas relações dos mestres com as crianças. Dos mestres esperava-se o ensino das primeiras letras, enquanto que a formação geral das crianças, como sujeitos daquela sociedade, era realizada pelos pedagogos e valorizada socialmente. Em suas palavras:

De todos estes adultos transmissores de saber vale a pena falar do pedagogo. Pequenas estatuetas de terracota guardam a memória dele. Artistas gregos representavam esses velhos escravos – que quase sempre cativos estrangeiros – conduzindo crianças a caminho da escola de primeiras letras. E porque não os mestres que nas escolas ensinavam? Porque os escravos pedagogos – condutores de crianças – eram afinal seus educadores, muito mais do que os mestre-escola. Eles conviviam com a criança e o adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da polis. O pedagogo era o educador por cujas mãos a criança grega atravessava anos a caminho da escola, por caminhos da vida. (Brandão, p. 42-43).

Schmitz (1978) define educação como sendo o processo pelo qual os indivíduos desenvolvem suas potencialidades, desde físicas até psíquicas, englobando os aspectos morais, sociais e espirituais com a intenção de tornarem-se perfeitos, interagindo com a sociedade a qual fazem parte. Este processo é, ao mesmo tempo individual de maneira que os sujeitos vão tornando-se gradativamente mais conscientes e responsáveis, e social já que se defende que a educação dos indivíduos não acontece de maneira isolada, ao contrário disso, se dá na relacionamento em sociedade.

Garcia, (1999) ao refletir sobre a crise de paradigmas e a educação, defende que o momento atual nos parece isento de bases que confirmam nossas teorias. Desta

forma sentimos que não há mais saída, que não existem mais caminhos corretos a serem trilhados.

No entanto faz-se necessário analisar que isso pode ser apenas uma face da situação atual, ou seja, de um período que está sendo denominado pós-modernidade. Segundo o autor o que ocorre atualmente não é a falta de um caminho mas sim, a ampliação dos caminhos a serem seguidos e a escolha de um caminho é agora, resultado da ação individual de cada profissional que, baseado em suas experiências anteriores, em suas concepções sociais e pedagógicas e em sua "crença a respeito de um futuro" irá optar por trilhar determinado caminho pessoal e profissional.

Em educação, todos os profissionais necessitam ter clareza sobre o lugar para onde querem ir. Isto significa que é preciso que cada educador se indague sobre o tipo de homem que pretende ajudar a educar e para que tipo de sociedade se deseja construir.

No mundo de hoje, numa sociedade cada dia mais voltada para a tecnologia, em processo de mudança acelerado, é preciso refletir sobre se queremos nos constituir sujeitos ativos, transformadores ou meros sujeitos passivos, receptores de conhecimentos.

Todo educador precisa, portanto, ter um norte, um horizonte que o oriente. Quando o pedagogo tem clareza sobre onde quer chegar, encontrará teorias que o ajude a descobrir o melhor caminho para o que procura. Se o horizonte da sua atuação é a busca da construção da cidadania, serão procuradas respostas sobre o caminho a seguir com os participantes envolvidos em sua atividade profissional - seja ela docente ou não docente, desde que seja educativa - em teorias libertadoras, que trilhem os espaços da construção de conhecimentos de forma autônoma e solidária.

Segundo Brandão (1981), a história da educação foi feita através da ótica de sua formalidade, da educação “erudita”. Por este motivo é que se pouco discute a outra face da educação, aquela que historicamente foi realizada à margem, desde os subalternos escravos (pedagogos gregos), até os bóias-frias de hoje.

Para o autor, as comunidades subalternas preocupam-se com a transmissão de valores e a preservação de alguns tipos de saberes, de geração para geração. Desta maneira, não há sinais de sistematização do saber. Este aspecto, na visão do autor, não reduz e tampouco deprecia a educação não escolar, ao contrário, ao apresentar as diferentes características deste que é um dos modelos de ensino-aprendizagem, enriquece o conceito de educação pouco explorado ao ser tratado apenas dentro dos modelos escolares.

Segundo Bhatnagan and Dahama (1985), quando uma aprendizagem caminha em direção ao objetivo que foi estabelecido em concordância com uma filosofia previamente definida, esta passa a ser chamada de Educação. E, ao passo que esta educação for sendo efetivada, deverão ser perceptíveis as mudanças em todos os aspectos do comportamento humano, ou seja os conhecimentos, as idéias, os valores, as atitudes, as normas, as habilidades, os entendimentos e as transformações, somados ao progresso de conquistar o objetivo proposto, resultam nas mudanças do comportamento humano.

Segundo os autores, *“Educação é um processo de efetivação das mudanças desejáveis dentro do comportamento dos seres humanos. Este pode ser, além disso, definido como um processo de dar ou adquirir conhecimentos e hábitos através de instrução ou estudo.”* (Bhatnagan and Dahama, p. 3)

Schmidt (1978) aponta para a questão da educação ocorrer também fora da instituição escolar, referindo-se a esta educação “extra escolar”, com base na teoria de Dewei (1936), como um dos ambientes que podem oferecer oportunidades educacionais de maneira simples, pura e social.

Afirma que os homens podem se educar sem a escola, não negando a sua existência mas chamando a atenção para outros meios de educação que são, tanto ou mais presentes na vida das pessoas do que a escola propriamente dita.

De acordo com Demartini & Fukui (1980), educação é um termo que comporta várias definições, sendo amplamente compreendida pelo processo de formar e ser formado.

Especificando, educação refere-se à transmissão de dados culturais e aquisição de conhecimentos. As autoras definem educação, englobando aspectos políticos e de transformação estrutural do sistema social, como sendo uma técnica pela qual os grupos transmitem seu patrimônio cultural com o objetivo de enquadrar outros grupos neste padrão vigente.

Este conceito de educação é, principalmente designado para agências educativas como a escola, entretanto, as autoras referem-se à importância de considerar o processo educativo que ocorre também de maneira assistemática e informal como nos ambientes familiares e nos meios de comunicação de massa.

Libâneo (2000), referindo-se ao movimento de educação progressista que nega a educação como fenômeno isolado social e politicamente, também a aceita a escola como única instituição ou único meio capaz de educar. Lembra-nos que desde Marx e Engels a educação passa a ser entendida como resultado das ações sociais, produto do desenvolvimento social e determinada pelas relações estabelecidas nas sociedades.

Estes fatores levam-nos ao entendimento de uma ampliação no sentido do termo "pedagogia". Desde as interferências naturais como o clima, as paisagens, os fatores biológicos até as interferências sociais como política e cultura, englobando religião, sistema de governos, movimentos sociais, meios de comunicação, etc., desempenham um papel educativo. No entanto, é necessária a distinção entre

estes fatores dos que fazem parte de um processo de educação intencional e dos que fazem parte de um processo de educação não intencional.

Muitas destas influências ocorrem de forma não intencional, o que não retira a importância de cada uma, mas não podemos analisar estes acontecimentos da mesma maneira como analisamos fatores intencionais de educação. Nas palavras de Libâneo, *"o processo de socialização não se identifica com a totalidade do processo educativo, especialmente quando este assume formas intencionais, sistemáticas. Não apreender esta diferença é cair no sociologismo que tende a ver a educação, exclusiva e unilateralmente, apenas como um processo decorrente da participação direta na vida social."* (p.80).

A complexa vida social e cultural fez que se desenvolvesse no histórico da sociedade, a educação intencional, - com objetivos sociopolíticos explícitos - para que os indivíduos pudessem participar consciente, ativa e criticamente da vida social.

2.1) A Educação Extra- Escolar

Fáveo (1980) assume a importância de se compreender que o extra-escolar não é um fenômeno recente, ao contrário disso, a educação sempre existiu fora da escola. A instituição escolar sim, pode ser considerada recente já que existe no ocidente há cerca de 200 anos, tendo sido estruturada ao mesmo tempo em que se reestruturou a reorganização do trabalho pela industrialização.

Do ponto de vista de Fáveo (1980), a questão que se deveria colocar em pauta seria então o fato da sociedade, em um determinado momento histórico, ter polarizado a educação através das instituições de ensino.

A década de 60 foi o início da propagação da procura por “modelos” de educação diferenciados e distintos do sistema escolar, o principal motivo foi a insuficiência desse sistema que não atendia às exigências da sociedade no geral.

Desta maneira, temos que o extra-escolar não pode ser visto como um fenômeno isolado, sendo encontrado em vários âmbitos sociais e, sendo apresentado de diferentes maneiras, de acordo com seus “objetivos”.

Este autor diz que durante a vida os indivíduos podem desenvolver-se através de três tipos de educação, sendo eles:

Educação Difusa, ou seja, o processo educativo permanente, da experiência do cotidiano e das influências do meio e ações de todas as instituições, que permitem aos indivíduos adquirirem atitudes e valores;

Educação Escolar, processo de ensino hierarquizado e seccionado em anos de estudo, que é o portal de acesso dos indivíduos para adquirirem uma formação de base, importante mesmo para a utilização dos demais meios de educação;

Educação Extra-Escolar, que é definida por todas as atividades educativas organizadas destinadas à pessoas específicas de acordo com suas necessidades ou desejos. Podemos encontrar, dentro do extra- escolar a educação não-formal e a informal, que são diferentes entre si, conforme analisaremos adiante.

2.2) A Educação Formal

Educação formal não é aquela vinculada apenas com a instituição escolar, mas sim, aplica-se a todo tipo de situação e instituição onde exista um processo de ensino, como educação de adultos, educação profissional e sindical. Com esta perspectiva, percebe-se que mesmo os modelos não convencionais de ensino

também são considerados formais, desde que haja um trabalho pedagógico-didático envolvido.

Bhatnagan and Dahama (1985), assim como Fáveo (1980), definem por educação formal as atividades institucionalizadas, uniformes, orientadas e desenvolvidas em tempo determinado, seqüencial, hierarquizado e estruturado.

Brandão (1981), refere-se à educação formal como sendo uma restrição do termo "educação" ao ser relacionado com a teoria da educação, na visão do autor, a pedagogia. É neste sentido que são desenvolvidos os aspectos que caracterizam a educação formal. *"A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender.. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para seu exercício, produz os seus próprios métodos, estabelece regras e tempos, e constitui executores especializados."* (Brandão, p.26).

2.3) A Educação Informal

Já o termo informal, é empregado para a definição dos tipos de educação que não acontecem necessariamente em instituições estabelecidas para tal e nem dependem de sistematização alguma para que ocorram. Sendo assim, não é possível dizer que estas formas de educação ocorrem em processos contínuos.

Fáveo (1980), entende como educação informal, o processo desorganizado e assistemático envolvendo todas as pessoas, com ou sem escolarização durante toda a vida, podendo ser detectada em processos permanentes de aprendizagem na qual as pessoas adquirem conhecimentos e habilidades pela experiência com

os diversos ambientes como em casa, no trabalho, em viagens, com o acesso aos meios de comunicação de massa, etc.

O termo informal é mais indicado para se referir a educação resultada do cotidiano dos ser humano, abrangendo assim, todas as relações sociais que ocorrem na vida de todos nós. O que chama a atenção é que atualmente os professores das instituições formais de educação estão valorizando este tipo de educação, trazendo para a sala de aula estes valores, o que leva a um entendimento mais amplo, mesmo dentro das escolas, do que o termo educação pode significar.

É pela importância da educação informal que foi necessária a existência da educação intencional, para que pudessem ser estabelecidos padrões, limites e estratégias, *“ou seja, a tomada de consciência dos influxos sobre os educandos do contexto global da vida social requer a prática educativa de uma intencionalidade, isto é, processos orientados explicitamente por objetivos e baseados em conteúdos e meios dirigidos a esses objetivos.”* (Libâneo:2000, 84)

Demartini e Fukui (1980), através de uma pesquisa quantitativa realizada com populações do meio rural e urbano, tiveram por objetivo identificar como se dá o acesso aos meios de educação formal e informal, e também a partir dos dados, explicitar sobre a importância que esses variados tipos de educação assumem na vida das pessoas. As autoras retratam a importante presença da educação informal no dia-a-dia da população através, principalmente da organização familiar e religiosa, e dos meios de comunicação de massa mais utilizados (rádio e televisão).

2.4) A Educação Não-Formal

Educação não-formal, é entendida como as atividades que possuem intencionalidade, porém com baixa estruturação e sistematização, o que sugere implicações pedagógicas não formalizadas, como os trabalhos comunitários, culturais, os meios de comunicação social, etc.

Fáveo (1980), compreende por educação não-formal aquelas atividades educacionais organizadas e sistemáticas, que ocorrem fora dos sistemas formais de ensino com a intenção de oferecer tipos de aprendizagem delimitados, tanto para adultos como para crianças. Podem ser encontrados programas de educação não-formal com as seguintes modalidades: programas de extensão rural, alfabetização de adultos, treinamento profissional, clubes com direcionamento educacional, programas comunitários diversificados, cursos sobre saúde, planejamento familiar e cooperativismo são alguns exemplos.

Bhatnagan and Dahama (1985) consideram que a educação não-formal pode ser caracterizada por ser diversificada de acordo com o método, por não ser autoritária, por construir uma aprendizagem participativa, por possuir um local de reuniões e encontros, por enriquecer os potenciais humanos e suas circunstâncias.

É importante ressaltar entretanto, que também na educação escolar existe educação não-formal, Isso pode ser constatado nas atividades extra curriculares ou extra classe, nos eventos que trazem para o interior da escola as pessoas da comunidade, as famílias dos alunos, criando assim um intercâmbio entre a educação formal e a educação informal dentro da instituição escolar na qual a educação formal está fortemente valorizada, muitas vezes em detrimento da educação não-formal.

Geralmente o que se encontra nos programas de educação não-formal é uma tendência em se desenvolver um meio de acesso ao ensino formal, suprimindo as suas falhas e exclusões, ou sendo um meio de acesso à escola formal para as pessoas com defasagem no ensino escolar por atraso (abandono dos estudos ou mesmo a não escolarização em idade avançada), ou por dificuldade de aprendizagem no decorrer do período de escolarização.

Alguns tipos de programas de educação não-formal são definidos por Fáveo (1980) como:

- Formação Profissional (iniciação profissional, aprendizagem e qualificação, atualização, aperfeiçoamento e especialização e capacitação e treinamento);
- Educação de Base e Iniciação Profissional (alfabetização e educação continuada, promoção humana e iniciação profissional);
- Extensão Rural, desenvolvimento Comunitário (ação comunitária e organização comunitária);
- Saúde (educação sanitária, saúde comunitária, higiene do trabalho e prevenção de acidentes e reabilitação das condições de saúde);
- Formação Artística (educação pela arte, iniciação às artes e difusão artístico-cultural);
- Formação Desportiva e Recreação (iniciação à prática esportiva, formação e treinamento desportivo e esporte e recreação);
- Formação Religiosa (iniciação religiosa e formação religiosa);
- Movimentos de Juventude e Infante Juvenis.

O Institute For International Studies In Education, da Universidade de Michigan, compreende as atividades dos processos de educação não-formal, classificando-as da seguinte maneira: a) resposta imediata às exigências econômicas e sociais; b) programas regionais de desenvolvimento; c) programas para os excluídos do processo formal de educação; d) treinamento empresarial; e) mudanças nas

condições econômicas, demográficas e ecológicas; f) estruturas não educacionais adaptadas às atividades educacionais; g) apoio às atividades não-educacionais.

Gohn, (1999), desenvolve definições a respeito da abrangência dos processos não-formais de educação que podem ser subdivididos em diversos campos.

O primeiro deles seria o envolvimento com a aprendizagem política e a questão da cidadania, o que leva a conscientização por parte dos indivíduos sobre a realidade social na qual estão inseridos, através das participações ativas.

O segundo campo seria a capacitação para o trabalho a partir do desenvolvimento de habilidades e potencialidades.

O terceiro campo está voltado para a educação dos sujeitos enquanto seres sociais, ou seja, a capacitação para atuação coletiva, visando um "bem comum", o que a autora define como "educação para a civilidade".

O quarto campo é a apropriação dos saberes formais escolares em espaços diversificados, nos quais o ensino é realizado de maneira espontânea com interferência dos organizadores do movimento social envolvido.

O quinto campo seria então, a educação desenvolvida pela mídia, o que segundo Gohn não tem sido valorizado pelos educadores .

Também existe um campo da educação não-formal que, até pouco tempo atrás era ignorado como processo educativo, são as difusões das culturas, filosofias e técnicas orientais e esotéricas que tomam um espaço importante atualmente devido ao stress causado, principalmente pela globalização.

A presença do que hoje podemos chamar de educação não-fomal, acontece desde as sociedades antigas, mas o que pode-se perceber é que atualmente existe, dentro do campo dos estudos educacionais, e também na sociedade em geral, pouca preocupação com este lado da educação.

A educação não-fomal deixou de ser valorizada pela sociedade, ao passo que a educação fomal se sobressaiu, sendo que apenas a partir da década de 90 alguns cientistas da educação voltaram a debater com mais intensidade a questão da educação não escolar. Como destaca Gohn:

o grande destaque que a educação não formal passou a ter nos anos 90 decorre das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares. (Gohn 1999: 92).

Divide-se os campos de atuação não-fomal em dois grandes grupos, um no qual o objetivo central é a alfabetização de jovens e adultos, no qual o saber sistematizado e planejado está disposto mas de forma diferente da instituição escolar, o que abrange a chamada "educação popular", O segundo grupo preocupa-se com a educação gerada pelos processos sociais, desinteressando os conteúdos da educação fomal.

" a maior importância da educação não-fomal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não-fomal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltando para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções práticas, muitas delas advindas da moral, elaboradas a partir das experiências anteriores, segundo tradições culturais e as condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar. O conjunto desses elementos fornece o amálgama para a

geração de soluções novas, construídas em face dos problemas que o dia-a-dia coloca nas ações dos homens e das mulheres.” (Gohn:1999, 105)

Gohn, em sua obra *Movimentos Sociais e Educação* (1999), aponta para o crescimento das demandas educacionais não-formais na sociedade brasileira durante a década de 80, que pode ser justificado pela conjuntura política do país na época, e pela busca de soluções dos problemas estruturais causados pelo modo capitalista. Estas demandas foram divididas pela autora em 14 tipos, como analisaremos a seguir:

1) Educação Ambiental: a demanda por este tipo de educação teve duas vertentes, a preventiva e a defensiva.

A Educação Preventiva deu-se através de inúmeras campanhas, lutas e movimentos voltados ao estabelecimento de valores e o conhecimento do ecossistema, visando a interação do homem com a natureza e a não depredação do meio ambiente. Este tipo de movimento gerou, em alguns casos, sistemas defensivos e de resistência frente a posições, principalmente empresariais, que visavam o lucro fácil em detrimento das condições ambientais. A face preventiva da Educação Ambiental assumiu na década de 80 um papel importante de conscientização social, mesmo que partindo de pequenos grupos. Sendo, além disso, uma temática promissora para o século XXI não somente no Brasil, como em diversos países que passaram a preocupar-se com a situação ecológica.

A Educação defensiva, por sua vez, assumiu um caráter de correção de erros, omissões ou desvios cometidos pelo poder público ou pela sociedade civil, manifestada através de campanhas ou ações concretas, apresentando características punitivas por interferirem em um processo em crise. São geralmente aplicadas à situações como enchentes, inundações, secas, poluição (do ar e dos mares), incêndio nas matas (acidentais ou propositais), economia de

água ou energia elétrica e de combustível, e demais decorrências de ações não planejadas eficazmente.

2) Educação do Patrimônio Histórico Cultural: O Brasil é um país repleto de patrimônios históricos e culturais, no entanto as políticas de tombamento foram iniciadas apenas na década de 70, o que gerou grandes perdas e deteriorações.

A preservação de patrimônios históricos era de início, voltada apenas aos bens da elite mas, aos poucos desenvolveu-se uma consciência frente a necessidade de se preservar bens populares como vilas operárias e centros culturais. Na década de 80 foram iniciadas políticas de preservação de patrimônios históricos pelas secretarias e órgãos públicos, no entanto, anteriormente a isso alguns grupos conscientizados já assumiam esta causa.

3) Educação para a Cidadania: Ligada às questões de justiça nas relações sociais, tomando como parâmetros as leis, os direitos e a construção de uma nova Constituição, esta foi uma das principais demandas educacionais da década de 80. Como esta questão aborda o “ser cidadão”, várias outras bandeiras educacionais levantadas englobam-se neste movimento, pois ter cidadania é assumir os deveres e direitos, ter consciência social e ser respeitado. Porém, a consciência social coletiva no Brasil não demonstrou ter sido bem desenvolvida, sendo comum nos defrontarmos com situações de miséria de grande parcela da população e de descaso perante questões básicas de sobrevivência humana como moradia, saúde e alimentação. Existiram e ainda existem, movimentos de pequenos grupos organizados politicamente que batalham por uma mudança destas situações, mas ainda não ocorre a participação efetiva da população.

4) Educação Sanitária e de Saúde Pública: A respeito da educação sanitária temos as campanhas de alerta e prevenção por parte do poder público em relação as crises, epidemias e surtos de doenças como a dengue, o cólera, etc.

No entanto estas campanhas foram, em sua maioria pouco didáticas e instrutivas, não suprimindo a necessidade que a sociedade apresentava.

5) Educação Popular: Esta questão foi pauta de muitos movimentos sociais que buscavam, principalmente oportunidades de ensino noturno e profissionalizante. Mas, a maior movimentação deu-se nas organizações não-formais de educação, como os clubes de mães de periferia, as lutas e movimentos sociais em busca de bens, equipamentos, moradia e acesso à terra. Instituições não-formais como Igrejas, partidos políticos, sindicatos e associações foram as mais participativas frente às necessidades de Educação Popular, contando com apoios de universidades e organizações não governamentais. A maioria das iniciativas fracassaram, como o Mobral, Projeto Minerva, entre outros.

6) Educação de Menores e Adolescentes: Durante a década de 80, muito se falou e se debateu a respeito das condições miseráveis de abandono e descaso que se encontravam grandes parcelas de crianças e adolescentes, muitas vezes moradores de rua. Esta condição foi gerada pela extensa crise econômica, a falta de emprego e moradia e a não existência de uma política pública que tivesse interesse em sanar a questão e, para reverter esta situação nada foi efetivamente feito, tornando-se um desafio para a década de 90. A sociedade em geral necessita posicionar-se frente a esta questão e tentar criar soluções rápidas sem caráter assistencialista e sem caráter punitivo, como é no caso das Febens. Cabe também à universidade deixar de ser omissa frente a esta questão.

7) Educação de Minorias Étnicas, (Índios): A questão da educação indígena abrange dois focos, sendo que um deles relaciona-se com a luta por se concretizar a igualdade entre as etnias (indígena, branca, negra, amarela), que socialmente não é um fato. Ainda luta-se pela cidadania indígena, defendida por lei mas, ignorada nas ações sociais, com exceção de alguns movimentos que surgiram pelas interferências internacionais.

O outro foco é em relação aos movimentos de escolarização das tribos indígenas (defendidos pela constituição de 88). Foi um grande salto dar às comunidades indígenas o acesso aos processos de escolarização, porém existe ainda a necessidade disso ser realizado na língua indígena, e não em português. Esta questão esbarra na falta de profissionais qualificados para tal atividade.

8) Educação Contra Discriminações (sexo, idade, cor, nacionalidade): a luta pelos direitos femininos foi a principal bandeira levantada na década de 80 em relação aos movimentos contra discriminação. Incentivados pela inserção da mulher no mercado de trabalho, frente ao novo modelo econômico, esses movimentos foram geralmente organizados por feministas que tiveram vivências no exterior e trouxeram consigo algumas características de movimentos semelhantes. Entretanto, também existiram movimentos de mulheres não vinculadas aos grupos feministas que atuavam nos centros comunitários e Igrejas, o que aproxima o movimento feminino das causas familiares e de questões sociais das periferias, sendo pequenas as participações em sindicatos, por exemplo.

Também o movimento dos negros teve grande destaque por terem conquistado através de campanhas e movimentos, uma educação social e também de si próprios contra o preconceito racial, a medida em que passaram a ser discutidas as suas origens e culturas.

9) Educação para Deficientes: esta questão passou por um avanço ao se considerar que as discussões sobre deficientes deixou de estar presente apenas nas áreas da pedagogia e da medicina, estando também em pauta na sociedade em geral. Mesmo que ainda se tenha muito o que evoluir, a compreensão de que pessoas deficientes não são incapazes, que necessitam de alguma atenção especial como guias rebaixadas nas calçadas, estacionamentos, orelhões e sanitários que possam ser utilizados foi um grande passo na sociedade em geral.

A legislação ainda necessita ser revista, e uma educação para o convívio social com os deficientes também precisa receber mais atenção.

10) Educação para o Trânsito e de Convivência em Locais Públicos: a conscientização social para questões de convivência em locais públicos fez-se necessária pela demanda de acidentes que ocorrem constantemente, sendo muitas vezes trágicos. É imprescindível que se passe a discutir esta questão também fora dos órgãos públicos responsáveis pelo trânsito e tráfego pois apresenta-se como necessidade de convivência social.

11) Educação Contra o Uso de Drogas: na década de 80 as discussões a respeito do uso de drogas tomaram um novo rumo, deixando de estar presente apenas no ambiente familiar como era nos anos 50 e 60. Devido ao aumento do consumo de drogas e do desenvolvimento de doenças como a AIDS, foi necessário iniciar campanhas em massa alertando aos riscos existentes em algumas formas de consumo de drogas, e não simplesmente contrário ao uso delas, principalmente em relação às drogas injetáveis. Este tipo de educação torna-se ainda mais complexo pois envolve valores morais e costumes da população.

12) Educação Sexual: Sente-se a falta de uma educação sexual nas escolas e em demais instâncias sociais que ocorra livre dos antigos tabus. O comportamento humano modificou-se muito com os processos de urbanização, por isso uma mudança em relação ao tratamento da sexualidade deve ser revista e não ignorada como geralmente ocorre, acarretando em pouca ou nenhuma elaboração e informação.

13) Educação Contra o Uso da Violência e pela Segurança Pública: O aumento da violência urbana, decorrente da condição econômica miserável de muitos

brasileiros e a nova moral estabelecida de tirar vantagem independente dos valores e limites sociais. Desta maneira instalou-se uma “guerra surda” no país, englobando desde seqüestros – que se tornaram rotineiros - e desrespeito aos bens públicos, que passaram da depredação de orelhões para a destruição de hospitais, escolas etc. Isso leva a um raciocínio de que algo mudou em relação ao que é considerado um bem público, o que de fato a sociedade sente que é de seu direito usufruir e de seu dever manter a integridade.

14) Educação para Geração de Novas Tecnologias: Existe a necessidade da participação da “pesquisa-investigação” e da aprendizagem proporcionadas por uma educação que aborde as novas tecnologias em uma escala popular para que a sociedade possa se beneficiar dos avanços tecnológicos suprimindo as necessidades básicas da população como saúde, moradia e escolas. Também é necessário que mesmo dentro do setor produtivo, se pense em tecnologias que atendam as necessidades atuais e, conseqüentemente, aumente a produtividade.

2.5) A Educação de Jovens e Adultos

Para tratar da Educação de Jovens e Adultos, é necessário abranger as teorias da Educação Popular, pois é dentro desta temática que se encontram as fundamentações necessárias para a compreensão da especificidade desta área da educação.

Segundo Brandão (1987), o interesse pela Educação Popular na América Latina, surgiu desde antes da Segunda Guerra Mundial. Estes programas eram diferenciados do que aqueles que existiam até então. A começar pelos sujeitos, todos adultos, geralmente saídos das camadas mais pobres da sociedade. Também os objetivos dos educadores que visavam modificar essas pessoas através dos efeitos da educação para que elas recuperassem na fase adulta aquilo que não tiveram quando crianças e adolescentes. Estas atualizações

individuais, deveriam ocorrer para que as pessoas se ajustassem socialmente, inclusive no campo de trabalho.

Afirma que, posteriormente, foram desenvolvidos programas de Educação Popular, voltados aos interesses das comunidades, ou seja, vinculados com a transformação do próprio mundo desses sujeitos (grupos, comunidades, regiões). Os educadores perceberam que os educandos necessitavam, além de atualizações em seus conhecimentos e habilitações profissionais, de mudanças em suas atitudes pessoais para que se tornassem de fato “agentes efetivos de desenvolvimento social”.

Estes programas renovadores de educação popular partiram, por um lado, do princípio da necessidade em se transformar as estruturas sociais (desenvolvendo-as, reformando-as, modificando-as e modernizando-as), ou ao menos de alguns setores com problemas mais graves. Por outro lado, acreditavam que o povo deveria participar desse movimento para que este fosse uma mudança social coletiva.

Brandão (1985), diz que existe a necessidade de realizar um trabalho pedagógico que conscientize a população para resultar em um efeito político na organização das classes populares. A proposta da Cultura Popular é, através dos profissionais comprometidos com os movimentos populares, produzir instrumentos que sirvam aos interesses da população. O movimento destes profissionais, juntamente com o esforço da população envolvida é que gera a mobilização dos “subalternos”, fazendo com que ocorram mudanças na consciência, na ideologia e na prática política dos sujeitos envolvidos.

A respeito da relação entre os profissionais (intelectuais) responsáveis pelo desenvolvimento dos movimentos populares com os sujeitos participantes, o autor considera a importância da troca de saberes, sendo de responsabilidade dos profissionais oferecer o acesso à cultura ainda desconhecida pelos participantes.

Em suas palavras, *“no interior deste projeto de ação pedagógica os mediadores apontam os meios, criam e colocam instrumentos nas mãos dos grupos populares, retraduzem e difundem conteúdos de compreensão da realidade social. Enfim, tornam politicamente populares idéias, práticas e recursos culturalmente eruditos”*. (Brandão, 1985: 43).

Os projetos vinculados com educação e cultura, povo e comunidade, tem como princípio a necessidade de transformação da situação cultural momentânea respeitando entretanto seus valores originais. Isto caracteriza o movimento educativo como um “artifício” a mais para mudar a lógica e as formas de pensar de uma cultura transformando o que se encontra tanto interna como externamente a ela, ou então, para que se mantenha como está, desde que ocorra uma conscientização da população destas características culturais.

Desta maneira, temos que os projetos de educação não-formal procuram, na maioria das vezes, inovar e mudar a realidade existente, acreditando que é possível atualizar aquilo que está defasado, integrar o que foi marginalizado, retomar o funcionamento do que foi abandonado e, generalizando; educar tudo aquilo que ocorre sem educação. Para isso, é comum encontrarmos como veículos de mediação os meios de comunicação de massa ou as práticas de Cultura Popular.

O trabalho de Educação Popular, está associado politicamente com a prática de mobilização de classe, porém, mesmo sem esta intenção, invade culturalmente uma estrutura interna, com suas próprias dimensões e cultura semelhantes já que, *“dentro da cultura do povo há um saber; no fio de história que torna este saber vivo e continuamente transmitido entre pessoas e grupos há uma educação.”* (Brandão, 1985: 78).

Algumas pessoas acreditavam que esses programas diferenciavam-se pelos seus métodos para atingir os mesmos objetivos, mas como diz Brandão "(...) são estes objetivos que fazem as diferenças e, muitas vezes, elas estão além da própria educação; além da idéia de que o produto final da prática pedagógica é o "homem educado" (1987 p.6).

No Brasil, com o surgimento do MEB (Movimento de Educação de Base) e dos projetos de Paulo Freire, podemos verificar a transformação daquilo o que era considerado Educação de Base para o que se tornou o "básico da educação".

Estes movimentos, iniciados a partir de 1960, caracterizaram-se por serem uma mistura entre a origem Anglo-Saxã e os interesses da UNESCO e SUDENE, agências internacionais e nacionais reconhecidas. Os programas de Educação de Base e Educação Popular referidos por Brandão (1987), eram compostos por pessoas e objetivos diversos, com propostas pedagogias de origem predominantemente francesa que, aos poucos foram sendo reformuladas por brasileiros, com os objetivos pedagógicos e sociais dos grupos religiosos ligados à Igreja Católica, e também da universidade brasileira.

Os programas de Educação de Base e Educação Popular percorreram três caminhos distintos. Alguns acabaram exterminados por setores do controle político, com o argumento de que tais programas fugiam dos padrões estabelecidos oficialmente. Outros foram reorganizados, sendo controlados diretamente pelos setores políticos para atender justamente às normas oficiais. Finalmente, em uma terceira divisão, os programas tiveram seus modelos e projetos pedagógicos reestruturados para serem compatíveis com a realidade presente visando o amadurecimento dos seus agentes política e pedagogicamente.

O que antes era o "fundamental" dos programas de educação foi transformado pelo MEB em uma nova proposta. O considerado "mínimo necessário" para se

manter as “condições materiais de vida” nas comunidades mais pobres, passou a ser o básico para as pessoas viverem com dignidade. Nas palavras do autor,

A Educação de base foi entendida, inicialmente, como uma educação que pudesse conduzir pessoas à aquisição de conhecimentos básicos (fundamentais e primários) para um aproveitamento mais eficaz das condições de vida. Depois, ela passou a ser interpretada como uma educação que conduzisse pessoas e comunidades a: a) tomarem consciência das dimensões naturais e históricas e da dignidade essencial do ser humano e do seu destino; b) estabelecerem formas de mobilização popular que produzissem ações de mudança estrutural da sociedade capazes de estabelecerem as bases sociais da afirmação e da realização e dignidade da pessoa humana. (Brandão p. 22)

A Educação de Base, segundo o autor, serve como instrumento para o processo de reconstrução social, justificando-se pela necessidade do processo além de beneficiar a todos, ser assumido pelos agentes populares. Isso modifica a posição dos agentes populares que passam de uma “mão-de-obra envolvida” para sujeitos do processo.

Espera-se como resultado deste trabalho coletivo, a modificação do homem pela educação e também a transformação da sociedade pela prática do homem educado. Assim sendo, a idéia de desenvolvimento – melhoramento das ordens de relações responsáveis pela falta de desenvolvimento - pode ser entendida como libertação – realização do homem enquanto pessoa conquistada através da transformação da ordem vigente em outra ordem.

As propostas de Freire enfatizavam como fundamental a relação entre o educador e o educado, o que pode ser o fator determinante das características dos projetos de Educação Popular.

Para Freire (1975), o homem necessita além da alfabetização, assumir sua dignidade, sendo assim, capaz de fazer história, com base em uma cultura própria

desenvolvida. Acreditando em si mesmo, o homem é capaz de dominar quaisquer instrumentos de ação que detenha, inclusive a leitura e a escrita conquistados através da alfabetização.

Concebendo a educação como um processo de reflexão sobre a realidade existencial, Freire (1975) articula a essa realidade as causas mais profundas dos acontecimentos vividos, inserindo os fatos particulares na totalidade da situação.

Freire (1975), acredita na capacidade de transformação do mundo em várias direções pelas ações humanas, enfatizando que aprender a ler e a escrever é sinônimo de uma possível releitura deste mundo, atribuindo importância ao momento pedagógico, como uma prática social determinante para a mudança ou permanência da realidade vivida.

A respeito da relação educando e educado, Freire (1996), aponta para a importância do diálogo pois, apenas assim, será possível que ambos atuem no processo educativo e, através deste processo ocorrerá a conscientização social que se almeja.

A importância dada por Paulo Freire ao diálogo é justificada, principalmente por acreditar que são nas relações horizontais, ou seja, sem hierarquia de lugares sociais, que será possível o pensamento e a ação críticos. Também valoriza a linguagem comum, que possibilite a expressão do pensamento a partir da realidade concreta, do meio onde será executada a ação pedagógica. Ainda enfatiza que não pode existir entre o educador e o educando, uma relação pautada na conquista e dominação da elite sobre o povo, fundamentando-se no sentimento de "bem querer" entre os sujeitos que assumem a impossibilidade de considerar o educador como detentor de todo o saber, procurando compreender que o saber será alcançado no decorrer do processo.

Educação Popular hoje : alternativas.

Os promotores de cultura popular, segundo Brandão (1987), tinham como idéias dentro de seus objetivos através da Educação Popular, que os valores do povo seriam seus próprios valores, desta maneira o modo de viver, compreender a vida e a sociedade seriam os mesmos. Também acreditavam que suas culturas e ideologias não bastavam para a articulação do povo para responder seus interesses e direitos perante a sociedade.

Ainda Segundo Brandão (1985), a cultura popular assume um lugar de instrumentalização dos sujeitos e grupos populares que desenvolvem programas de educação e cultura para que não se percam seu saber e sua dimensão na medida em que se avança a descoberta de novos conceitos culturais, ou seja necessita-se para ampliar os horizontes dos indivíduos envolvidos garantir que sua origem permaneça como um valor a ser respeitado, tanto pelos sujeitos como para os profissionais que mediam este processo educacional.

A Educação Popular parte de projetos de "atualização social", iniciando-se pelos valores e conhecimentos da população, sendo instrumentalizados pelos valores e conhecimentos sobre crítica e organização, negando derivações de projetos dos demais grupos sociais.

O autor questiona a Educação Popular em sua essência ao indagar se a sua real função não seria a de ser aglutinada aos movimentos populares para fortalecê-los quanto ao poder de resistência frente à dominação imposta através da denominada cultura de massas que invade e desconsidera os valores culturais das diversas sociedades.

Brandão (1987), considera de grande importância a Educação de Base que não acontece nem na escola e nem no trabalho, sendo propiciada pelo próprio grupo

social, seja em instituições como sindicatos e agências ou então mesmo no interior das constituições familiares, etc.

O autor redefine a Educação Básica em três grupos que, segundo ele, pode ser uma divisão grosseira mas nos ajuda a analisar as diferenças existentes entre as categorias. Desta forma podemos ter:

1) A Educação do Sistema

Compreende valores impostos sobre as classes populares, sendo realizada por projetos de características semelhantes àqueles primeiros movimentos de Educação Popular (campanhas de alfabetização, cursos supletivos, ensino profissionalizante, formação de mão de obra do operariado). Esta forma de educação, visa o indivíduo como produtor instrumentalizado e como cidadão ajustado aos valores vigentes.

2) Educação Popular

Transitando entre a Educação do Sistema e a Educação de Classe, a Educação Popular difere-se entre a "Educação Fundamental e as formas atuais de Educação Popular" e, de outro lado, a "Educação de Base e os novos projetos de Educação Popular".

Encontramos em relação à Educação Fundamental e as formas atuais de Educação de Base, os valores comunitários com tendência à aproximação aos valores das classes populares. Aproxima-se das formas atuais de Educação Popular, ligando-se em relação à Educação Fundamental aos objetivos atingidos pela Educação do Sistema, promovendo o desenvolvimento do local de acordo com os valores dos grupos promotores e interesses dos controladores com a participação popular e da comunidade.

As Educação de Base e Popular partem dos valores de programas da comunidade para os valores dos programas de classe, promovendo as mudanças sociais partindo de mudanças locais e nacionais, em busca de uma sociedade democratizada através da participação ativa e dos valores populares.

3) Educação de Classe

A Educação de Classe dá importância para os valores das classes populares, com o objetivo de formar as pessoas de acordo com as crenças e interesses destas classes. Ocorre na educação sindical, nos modos populares de reprodução do trabalho para a ideologia dos grupos subalternos e com prática pedagógica de acordo com os movimentos populares e de classe, tendo como objetivo promover a classe a partir de seus próprios valores e segundo os seus projetos de participação e realização social.

Em relação especificamente aos programas de Educação de Jovens e Adultos, Ribeiro (1999), aponta para a necessidade de se criar outras formas de educação (ensino/aprendizagem) diferentes das escolares para serem desenvolvidas nestes tipos de programas. Afirma que para o profissional romper com o sistema tradicional, é necessário possuir um “alto grau de competência pedagógica” pois será necessário que cada um defina, em situações diversas, qual será a prática a ser utilizada para que melhor desenvolva as atividades propostas considerando a imensa diversidade existente no público da Educação Básica de Jovens e Adultos.

A autora assume que é um risco tentar modificar o sistema, por isso diz ser preciso muita cautela, porém, disposição para atingir os objetivos almejados por estes profissionais, principalmente no aspecto de construir um processo de educação flexível, que seja eficaz e ao mesmo tempo esteja ao alcance da população comprometida muitas vezes com o trabalho e família, deixando a sua formação por consequência disto, em segundo plano.

Ribeiro (1999) sente a necessidade de mais especialização para capacitar os profissionais destes projetos, além de defender uma formação básica para os educadores em geral, que englobe as especificidades da Educação de Jovens e Adultos o que afirma não ocorrer nos cursos de formação de educadores, seja qual for a instância formativa em questão.

Assim como Brandão (1987), Ribeiro (1999), afirma a importância da delimitação dos papéis de cada participante desse processo de educação. Ao seu ver

Aos educandos jovens e adultos cabe compartilhar esse projeto não como beneficiários, mas como sujeitos que exercitam um direito e tem o dever de participar. Aos educadores, cabe compartilhar o projeto não como aplicadores de fórmulas, mas como portadores críticos de uma experiência e criadores de alternativas. Finalmente, aos acadêmicos cabe reconhecer a insuficiência dos subsídios que tem podido aportar à prática e a disposição para supera-la, assumindo a reciprocidade como princípio norteador de sua missão como formadores de educadores. (1999: 198).

3) A respeito da formação do pedagogo

Partindo-se do estudo levantado a respeito da especificidade da educação e, considerando-se o tema deste trabalho, uma elaboração teórica sobre a formação dos pedagogos e as críticas que estão sendo dirigidas a esta formação, foram temáticas que exigiram uma análise cuidadosa para fundamentar esta proposta.

Estudos recentes, após a metade da década de 90, de autores como Brzezinski (1996), Aguiar e Scheibe (1999), Ribeiro (1999) e Libâneo (2000), nos fornecem pensamentos esclarecedores e norteadores do que possa vir a ser um caminho para a questão da formação de pedagogos que atenda as exigências de campos de trabalho para estes profissionais que vem sendo cada vez mais abrangente.

Brzezinski (1996), faz um relato de fundamental importância para o entendimento de qual é a formação prevista nos cursos de pedagogia, e analisa como esta formação vem sendo fortemente criticada pelos especialistas em educação, considerando as atuais exigências do mercado de trabalho escolar e não escolar.

Disposta a desvendar os impasses ligados à formação dos pedagogos e à especificidade do curso de pedagogia, a autora afirma que é intensa a confusão da formação em educação com a formação em ensino escolar sistematizado.

Aponta que o curso de pedagogia foi sempre visto como um curso de formação de professores o que, segundo a autora está fora da realidade atual. A afirmação de que a identidade do curso de pedagogia era a formação docente sempre foi a tendência percebida, entretanto nos confrontamos agora com indagações freqüentes que colocam em dúvida esta identidade.

Está cada vez mais comum cobranças em torno da formação do pedagogo não restrita ao ambiente escolar, isso decorre da atuação cada vez mais presente

deste profissional em ambientes educacionais não escolares. Por este motivo, Brzezinski (1996), afirma que aqueles que desejam ser chamados de educadores, devam deixar de ignorar a importância dos processos educativos não escolares nos quais a pedagogia deve estar presente.

Aguiar e Sheibe (1999), posicionam-se frente a discussão da formação do pedagogo de maneira a defender uma estrutura de curso que atenda a demanda de atuação profissional atual que vem sendo cada vez mais recrutada em ambientes extra-escolares. Ressaltam que os pedagogos estão sendo requisitados para atuarem nestes meios mas que, no entanto, não está sendo pensado em uma formação "mais elaborada" para esta atuação, já que os cursos de pedagogia, em sua grande maioria, valorizam e preparam os alunos para atuarem em escolas e, principalmente dentro da sala de aula.

Defendem então, uma reformulação nos cursos de Pedagogia para que passem a enfatizar um pouco mais os conteúdos filosóficos, sociológicos e epistemológicos da educação, alterando a tendência atual que está voltada para a formação docente, ou seja, didáticas, metodologias e planejamentos de aulas. Propõem portanto, uma formação que amplie o olhar da educação e não que o restrinja. Nas palavras das autoras,

a ampliação do campo educacional e, por consequência, da atuação pedagógica é uma realidade constatada por muitos autores. Já argumentamos anteriormente sobre a idéia de que a atividade pedagógica perpassa, hoje, toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas de educação informal e não-formal. Não faz sentido, pois, o reducionismo da ação pedagógica à docência, ainda que esta seja também uma genuína prática pedagógica. (Aguiar & Scheibe: 225)

Quanto à formação do pedagogos, Libâneo (2000), posiciona-se também favorável à formação "stricto sensu", recebendo desta forma, a "capacitação"

necessária para atuar em diversos ambientes, não apenas o escolar. Desta maneira, a inserção do pedagogo no campo profissional seria para atender demandas educativas formais, informais e não formais, aspectos que analisaremos detalhadamente no decorrer do trabalho .

É necessário, segundo este mesmo autor, a distinção entre o pedagogo e o profissional docente, já que este é considerado um pedagogo "lato sensu". Existe desta maneira, a carência em se compreender que "todo o trabalho docente é pedagógico, no entanto, nem todo trabalho pedagógico é docente". Encontra-se aqui, boa parte da discussão deste trabalho, ou seja, a fundamentação da atuação do pedagogo fora das instituições escolares.

Como já foi dito, o pedagogo pode exercer várias atividades fora da escola, entretanto, faz-se necessário identificar quais são elas, e em que tipo de instituições podem ser encontradas.

As atividades comumente encontradas, dividem-se em dois grandes grupos: um no qual os pedagogos se dedicam com exclusividade, ou seja, exercendo as atividades pedagógicas sistematicamente, e outro no qual os pedagogos exercem sua formação em algumas parcelas de tempo.

No primeiro grupo podem ser encontrados formadores, animadores, instrutores, organizadores, orientadores em órgãos públicos, privados, públicos não-estatais vinculados a empresas, órgãos de cultura, serviços de saúde, etc

No segundo grupo encontram-se os profissionais que atuam como recreadores, treinadores, supervisores, orientadores (de processos empresariais), trabalhadores sociais, administradores de pessoal, redatores de jornais e revistas, comunicadores sociais (atuantes em rádio e televisão), criadores de jogos e brinquedos, guias turísticos e culturais etc, que atuam tanto na esfera pública como na privada.

Percebe-se, então que há um vasto campo de atividades fora do espaço escolar que o pedagogo pode estar inserido. No entanto Libâneo ressalta a dificuldade de, em um curso de pedagogia, todas estas possibilidades serem profundamente desenvolvidas, considerando a existência de especializações, em determinados campos, uma solução razoável para a questão.

Com o suporte teórico oferecido pelos autores que definem a especificidade da educação, as concepções de educação e a formação do pedagogo será possível discorrer sobre a pesquisa realizada, enfocando os temas mencionados.

As respostas dos pesquisados, egressos do curso de pedagogia da Unicamp serão analisadas à luz desta fundamentação teórica, a respeito da atuação profissional e da relação com a formação obtida no curso.

V - Análise dos Questionários

Este capítulo tratará da análise das respostas de pedagogos que atuam fora do ambiente escolar em diferentes funções e instituições, enfatizando a necessidade do currículo de Pedagogia também contemplar esta formação.

Primeiramente será analisado cada um dos sujeitos de acordo com suas atividades profissionais, e posteriormente será analisada cada tipo de atividade exercida por eles com fim de conhecer o quanto a organização curricular do curso de Pedagogia prepara para amplas atividades

1) Descrição dos Sujeitos

Embora os sujeitos pesquisados sejam os egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp dos anos de 1998, 1999 e 2000, apenas os formados no ano de 2000 são os que estão atuando em atividades fora do ambiente escolar. Este grupo é formado por seis pessoas, sendo cinco do sexo feminino e uma do sexo masculino.

As atividades relatadas estão sendo desenvolvidas em ong's, instituição de educação não-formal, empresas, meios de comunicação de massa e hospital.

Nota-se que as atividades desempenhadas pelos sujeitos pesquisados tanto se aproximam, como se distanciam umas das outras, de acordo com a instituição na qual o profissional está inserido e também com os objetivos das atividades.

1.1) As especificidades dos sujeitos

A) José atua na área de educação não-formal desempenhando atividades em várias instituições desde uma Ong, Meios de Comunicação de Massa e também na área de economia social e solidária, com a geração de rendas. Desenvolve atividades como alfabetização de jovens e adultos, em consonância com a educação integral e cursos de associativismo e corporativismo, tendo como público moradores de favelas, periferias de centros urbanos e bairros populares.

De acordo com José, a organização comunitária de grupos oprimidos e explorados, visa contribuir para a transformação social. Para isto, o trabalho que realiza assume um caráter interdisciplinar e não-formal, buscando uma articulação entre diversas áreas do conhecimento com a realidade específica de cada região com a qual trabalha.

B) Wanda, também desenvolve atividades fora do ambiente escolar em duas áreas diferentes, sendo um projeto de Dança-Educação, e outra na área de educação de jovens e adultos.

A atividade de dança-educação se encontra dentro da área de educação não formal. Para isso utiliza-se também de sua formação como bailarina, procurando desenvolver através da dança e da expressão corporal, a auto estima das crianças.

Na atuação como professora de jovens e adultos, atua na fase de alfabetização e também dá aulas intermediárias preparatórias para o supletivo de quinta à oitava séries do ensino fundamental.

Para Wanda, atuar nestas atividades foi decorrência de suas preferências pessoais, já que é, além de Pedagoga, bailarina. Essas atividades assumem para ela grande importância tanto na esfera pessoal como profissional.

C) Nilza trabalha em uma ONG, atuando como assistente de coordenação, suporte geral em logística, administração e produção de materiais.

Apesar de afirmar que utiliza totalmente o conteúdo do curso de Pedagogia nas atividades que executa, não considera sua função como sendo da área de educação.

D) Diana trabalha em uma empresa desenvolvendo atividades na elaboração de materiais de treinamento a distância para funcionários de diversas áreas. Sua opção por trabalhar nessa empresa veio de sua preferência pela atuação como pedagoga fora de ambientes escolares.

Afirma ser muito bem tratada em seu local de trabalho, o que segundo ela, não é comum nas empresas que se dizem preocupadas com a educação mas que desvalorizam o trabalho do pedagogo.

E) Cristiane que também é funcionária de uma empresa e trabalha como promotora de vendas, tendo como principais funções capacitar e treinar sua equipe para que, através de cursos específicos ocorra um bom desempenho de suas atividades. Não considera a sua função como sendo da área educacional.

Sua atuação nesta área deu-se pelas suas atividades anteriores vinculadas à vendas diretas, mantendo um tipo de contato com o público diferente daquele ocorrido dentro de uma sala de aula, por exemplo.

F) Ana trabalha em um hospital, tendo como atividade a monitoração de sistemas operacionais de rede de computadores de grande porte. Utiliza-se da formação obtida no curso de pedagogia com frequência porém, não considera sua atividade como sendo da área da educação.

Sua escolha por esta área ocorreu pela ausência de concursos públicos para pedagogos após a sua formação , também pela dificuldade em trabalhar em escolas grandes que exigem vasta experiência do profissional, e em escolas pequenas que embora sejam menos exigentes, têm uma remuneração muito baixa.

G) Fernanda atua em meios de comunicação de massa, sendo tutora no curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”. Tendo sido levada a atuar nesta área pelas circunstâncias, utiliza-se com frequência do curso de Pedagogia para realizar sua atividade profissional.

2) As Atividades Profissionais exercidas e suas relações Educacionais.

As atividades exercidas pelos sujeitos desta pesquisa foram organizadas em seis grupos: 1) atuação na educação de jovens e adultos, 2) atuação em projetos de dança-educação, 3) atuação em empresas, 4) tutoria de cursos da tv escola, 5) trabalho administrativo em Ong e 6) monitoramento de redes de computadores em hospital. Cada um destes grupos será abordado a seguir de acordo com suas particularidades.

2.1) A Atuação na Educação de Jovens e Adultos

Considerando que os profissionais analisados desenvolvem as atividades de educação de jovens e adultos fora do ambiente escolar, em projetos de educação não formal, ou em Ong's, é importante ressaltar as fundamentações que apontam para o cuidado de não se escolarizar estas atividades, principalmente por possuírem especificidades e objetivos diferenciados da educação escolar.

O trabalho desenvolvido por José, apresenta, segundo ele características de educação não formal, desta maneira acredita que é de sua preocupação não trabalhar dentro dos moldes escolares e formais.

De acordo com Afonso (1992), sendo a educação não-formal, um processo planejado e organizado, mas distinto da educação formal, esta ocorre geralmente nos espaços de associações, movimentos sociais, sindicais, igrejas e etc., possuindo, um caráter transformador e reformador.

Geralmente a presença dos educandos nestas instituições é voluntária, o que faz com que o conteúdo a ser desenvolvido deva ser de extremo interesse a estes e que desperte a vontade dos educandos em participarem ativamente das atividades propostas.

Por estes motivos, acredita-se na necessidade, como definiu Ribeiro (1999), de se pensar em uma educação de jovens e adultos que seja diferenciada da educação escolar, sendo esta uma tarefa difícil para o profissional, principalmente quando sua formação não compreende a educação de jovens e adultos de maneira diferenciada da educação escolar.

É válido lembrar a posição de Freire (1975) sobre a questão da alfabetização ser apenas uma das características da educação de jovens e adultos e não o seu principal foco pois esta educação abrange a formação integral do indivíduo, preocupada em oferecer oportunidades para as pessoas desenvolverem sua própria cultura.

Temos também o exemplo da atividade desenvolvida por Wanda, dentro da área de Educação de Jovens e Adultos, porém na preparação para o curso supletivo de quinta a oitava séries.

Entendemos que estas atividades estão intimamente vinculadas ao modelo escolar, sendo apenas realizadas fora sistema formal escolar. São oportunidades para os sujeitos defasados ou excluídos do sistema, que têm como meta a aquisição dos saberes escolares necessários para dar continuidade aos estudos dentro da rede regular de ensino. Portanto estamos tratando de um tipo de educação formal e, mesmo que realizado fora de espaços escolares, tem como objetivo oferecer subsídios para uma futura inserção no modelo escolar.

2.2) A Atuação em um Projeto de Arte-Educação

Wanda desenvolve atividades de dança-educação, utilizando a educação do corpo e da mente de forma integral. Tendo como parâmetro a presença constante de atividades artísticas nos projetos educacionais de instituições de educação não-formal, ela aponta para importância destas atividades serem destinadas ao desenvolvimento da auto-estima e do auto conhecimento por parte dos sujeitos envolvidos nos projetos.

Retomando Gohn (1999a), ao definir os cinco grupos de educação não-formal, temos que as características de dois desses grupos podem ser referência para o trabalho de Wanda na área da dança-educação, a) “a educação para a civilidade”, com a qual se pretende educar as crianças socialmente para atividades e relacionamentos coletivos, e b) a apropriação dos conhecimentos “formais”, trabalhados em instituições de educação formal, (escolares ou não), adaptando-os à realidade própria da instituição e modificando-os de acordo com os objetivos das atividades não formais.

2.3) A Atuação em Atividades Empresariais

Pieron, em seu trabalho de conclusão de curso, **A Atuação do Pedagogo na Empresa**, desenvolvido na Faculdade de Educação da Unicamp em 1998, aborda a abertura empresarial para a educação e para o treinamento dos seus funcionários, gerando a necessidade da contratação de profissionais capacitados na área da educação, ou seja pedagogos. Esta é outra das atuações que o pedagogo pode exercer dentro de empresas, além do trabalho na área de Recursos Humanos na contratação de pessoal, por exemplo.

Afirma que a atuação do pedagogo nessas instituições está voltada para a formação crítica do trabalhador para o momento atual. Neste aspecto diferencia-se da educação escolar que, na maioria das vezes tem por objetivo, formar o cidadão crítico do futuro, e não do presente.

Pieron conclui que a atuação do pedagogo em ambientes empresariais está muito além do treinamento de pessoal para a função a ser exercida. Cabe a estes educadores, da mesma maneira que cabe aos educadores escolares, o desenvolvimento de um trabalho crítico que forneça aos funcionários as ferramentas necessárias para atuarem de forma consciente em suas funções em participar nas situações coletivas no interior das empresas. Enfatiza também que o pedagogo assume um papel imprescindível nestas atuações, ao mesmo tempo que aponta para a falta dessa formação nos cursos de Pedagogia.

Na empresa que Diana trabalha a elaboração dos materiais para treinamento dos funcionários à distância, é atribuída para pessoas com formação específica em Pedagogia. A formação no curso de pedagogia para o desenvolvimento dessas atividades é muito valorizada e utilizada.

Esta atuação aproxima-se das características da educação não escolar, porém formal, pois apresenta sinais de uniformidade e orientação, sendo realizada

dentro de um determinado prazo, obedecendo a regras pré estabelecidas. Estas características são, segundo Bhatnagan e Dahama (1985) e Fáveo (1980), determinantes da educação formal, podendo ocorrer tanto dentro como fora do ambiente escolar.

Cristiane, por outro lado, desenvolve atividades de treinamento de uma equipe de vendas e não considera sua função como sendo da área educacional. É interessante perceber a partir da descrição de suas atividades de capacitação e treinamento da equipe que coordena através dos cursos ministrados, que estas estão caracterizadas como educação não-formal.

Temos a partir das definições de Fáveo (1980), que o treinamento profissional seja de iniciação ou qualificação enquadra-se em um dos tipos de educação não-formal.

No caso de Cristiane, o treinamento oferecido à sua equipe se torna efetivo através dos contatos pessoais permanentes que oferecem oportunidades de compartilhar experiências profissionais e pessoais norteando o crescimento esperado pela empresa.

2.4) A Atuação na Tutoria em Meios de Comunicação de Massa

Fernanda em sua atividade como tutora do curso de Tv Escola apresenta características da educação formal, porém não escolar.

Temos que os meios de comunicação de massa assumem características tanto informais como não formais de educação, de acordo com sua especificidade. No entanto, a função de Fernanda é de monitorar cursos da tv Escola.

Pelas informações fornecidas foi possível caracterizar sua atuação como uma atividade dirigida, elaborada e direcionada para a questão do uso dos meios de comunicação de massa, (no caso a Tv Escola), como recursos educacionais. Sua formação em pedagogia tem sido essencial para o exercício das suas atividades.

2.5) O Trabalho Administrativo em Ong

O trabalho realizado por Nilza em uma organização não governamental, é o de assistente de coordenação e atividades na área administrativa, incluindo produção de materiais. Relaciona-se com a área de gestão e supervisão escolar sendo que são encontrados em sua atividade aspectos relacionados com a educação não-formal e também informal.

De acordo com Bhatnagan and Dahama (1985), as atividades de educação não-formal valorizam a participação do grupo como um todo tendo como objetivo contribuir para o crescimento das pessoas envolvidas através de seu desenvolvimento individual.

Por educação informal, Fáveo (1980), define as relações permanentes entre as pessoas de maneira assistemática e sem preocupação com elaboração ou organização de atividades. Geralmente este tipo de educação ocorre nos ambientes familiares, no trabalho, etc.

3. O Trabalho com rede de Computadores em Hospital

Ana nos fornece em suas respostas, algumas colaborações interessantes a respeito da formação obtida por ela no curso de Pedagogia. Segundo ela, o curso de Pedagogia contribui para a construção de um posicionamento crítico das pessoas perante quaisquer situações no ambiente de trabalho, sendo ele

educacional ou não. Por isso considera válida esta formação para atuar em sua área mesmo não considerando-a educativa.

A respeito desta interessante visão da pesquisada, é possível retomar a referência de Aguiar e Sheibe (1999) para a importância da inserção e valorização das áreas da filosofia e história nos cursos de Pedagogia, já que Ana comenta que estas áreas lhes auxiliam em sua atividade profissional. Em suas palavras:

As disciplinas de história, filosofia e doutrinas pedagógicas fizeram com que ficasse mais apurada a minha consciência crítica em relação as coisas e isto não é aplicado apenas no campo educacional, mas devemos sempre nos posicionar criticamente no campo do trabalho, por exemplo.

3) Contribuições e Ausências do Currículo de Pedagogia Para as Atuações Profissionais Analisadas

Após as análises dos questionários respondidos pelos sujeitos pesquisados, pude elaborar alguns olhares a respeito de como os egressos do curso de Pedagogia da Unicamp se utilizam desta formação para atuarem fora do ambiente escolar.

Também serão aqui mencionadas as áreas que mais ofereceram bases e conhecimentos para tais atuações e as que ficaram ausentes, do ponto de vista de cada um dos sujeitos.

As principais áreas abordadas pelos pesquisados estão organizadas abaixo de acordo com suas atuações profissionais.

Para a atuação em Ong's

José destaca que pelas características dos grupos com os quais atua, procura conciliar diversas áreas do conhecimento das humanidades de acordo com a

realidade específica de cada região. Sendo assim a interdisciplinariedade e as áreas de educação não formal são fundamentais.

José, considera ter faltado em sua formação acadêmica um pouco mais de abertura do curso de Pedagogia que está muito direcionado às concepções marxistas, não englobando outras categorias do pensamento como fundamentações no pensamento fenomenológico, que trabalham com as questões de transformação, reeducação e libertação.

“Acredito que falta um caráter efetivo de transformação, reeducação e libertação, ou seja, tem raras fundamentações no pensamento libertário. Falta articular melhor pesquisa, ensino e extensão; eliminar a prepotência acadêmica (sem perder a qualidade da pesquisa)” (José).

Nilza destaca as temáticas da educação não-formal, não escolar, gestão e supervisão escolar como sendo as de maior importância nas disciplinas desenvolvidas no curso de Pedagogia, para a sua atual função.

Já como ausências sentidas em sua formação acadêmica, aponta para a área da educação de jovens e adultos (alfabetização), cursos de línguas regulares e maiores noções de gestão escolar incluindo aspectos administrativos.

Wanda diz que as disciplinas mais utilizadas para suas atividades profissionais foram as da área da Psicologia, Educação de Jovens e Adultos e as Práticas de Ensino e Estágios Supervisionados.

O que considera ter faltado em sua formação acadêmica foram as disciplinas na área da arte educação, de caráter interdisciplinar e também disciplinas que abordassem a temática do corpo. Wanda ainda ressalta que disciplinas referentes à educação de Jovens e Adultos não são oferecidas a contento, já que apenas uma disciplina foi oferecida em seu curso, e que não foi de caráter obrigatório na grade curricular, ou seja, tratava-se de uma disciplina optativa.

Para a atuação em TV

Fernanda que trabalha com meios de comunicação de massa (tv educativa), diz que o curso ofereceu uma contribuição importante para a realização de ser trabalho.

Especificamente, comenta que, para seu trabalho como tutora em programas educativos, o curso deixou uma lacuna, principalmente na área de comunicação e novas tecnologias, pois contou apenas com uma disciplina de Comunicação e Educação.

Para a atuação em Hospital

Ana ressalta a importância das disciplinas das áreas de História, Filosofia e “Doutrinas Pedagógicas” para a formação da consciência crítica em relação as situações de qualquer tipo de trabalho e não só especificamente do trabalho pedagógico.

Comenta que sentiu falta para a sua formação enquanto pedagoga, de disciplinas que amparassem a “questão humana” de como trabalhar o equilíbrio do corpo e mente, como mais materiais relacionados à arte e música.

Para a atuação em Empresas

Em relação ao conteúdo trabalhado no curso de graduação em Pedagogia, Diana afirma que as disciplinas de administração, mesmo de caráter escolar foram fundamentais. Também ressalta que as disciplinas envolvendo as questões relacionadas com leitura e escrita foram essenciais, já que trabalha com produção de textos, preocupa-se com a elaboração do texto que os funcionários receberão na tela do computador.

Diana refere-se a importância da realização de seu trabalho de conclusão de curso pois, através deste estudo lhe foi possível ter acesso aos temas de interesse, colaborando inclusive, para sua atual função.

Desta mesma perspectiva, aponta que sentiu deficiência no curso por terem sido oferecidas poucas disciplinas que abordassem o tema educação à distância, e também a ausência da discussão sobre Recursos Humanos. Afirmando serem estes, campos de atuação para os pedagogos e que não são enfocados no curso. Para ela, que atua nestas duas vertentes, muito está sendo aprendido na prática.

Cristiane afirma que as disciplinas da área de psicologia lhe foram úteis para sua atual função. Ao referir-se sobre o que considera ter faltado, comenta que suas expectativas e necessidades foram supridas fora do currículo obrigatório pois este não as abrangia. Assim, ela entende que raramente usa o conteúdo oferecido pelo curso.

V – Considerações Finais

Partindo da fundamentação teórica adotada e das análises realizadas acerca dos questionários respondidos, é possível pensar em algumas considerações a respeito da formação obtida no curso de Pedagogia da Unicamp e da expansão de suas aplicações para além do ambiente escolar.

Tivemos neste trabalho exemplos de profissionais que atuam em diversos ambientes, desde ong's e projetos educacionais não-formais, até em atividades empresariais e de coordenação de sistemas operacionais de hospital. Cada atividade demonstrou como o conteúdo trabalhado no curso de Pedagogia é importante e até mesmo fundamental para que as atuações destes profissionais assumissem características próprias e diferenciadas.

Sendo que as atuações em Ong's, em projetos de educação não-formal, em meios de comunicação de massa e na educação de jovens e adultos foram as atividades de maior presença dentre os pesquisados, seria interessante considerar como as questões específicas destas áreas são abordados no currículo do curso de Pedagogia. Para isso, as afirmações dos sujeitos a respeito das contribuições que o curso ofereceu para suas funções, e também sobre as ausências da grade curricular para a atuação fora do ambiente escolar, foram de fundamental importância.

As ausências comentadas pelos pesquisados são, em sua maioria, enfatizadas e fundamentadas pelos autores estudados como sendo aquelas que os cursos de Pedagogia deveriam contemplar.

Em um aspecto geral, as principais queixas dos sujeitos analisados são em relação ao “fechamento” do curso de pedagogia para os conteúdos escolares,

dando pouca ênfase para áreas como educação não escolar, educação não-formal, informal e educação de jovens e adultos.

De acordo com Libâneo, (2000), é necessário que os cursos de Pedagogia passem a ampliar sua grade curricular para as áreas de educação extra-escolares, principalmente que valorizem mais as atividades não formais e informais de educação.

Áreas como educação de Jovens e Adultos e Educação enfatizadas na literatura por autores como Brandão (1985 e 1987), e Gohn (1999 b), foram destacadas pelos sujeitos pesquisados como necessidades ainda não supridas no curso de Pedagogia da Unicamp.

A necessidade de se desenvolver mais cursos para alfabetização e educação de jovens e adultos são dados constantemente divulgados por jornais, revistas, televisão, rádio e demais meios de comunicação. Embora possa-se encontrar artigos e literatura especializada nas obras que tratam de educação, no curso de pedagogia este assunto é ainda pouco trabalhado não suprimindo a demanda social que atualmente é demonstrada.

Vemos, com Aguiar & Sheibe (1999) que as atuações dos pedagogos estão sendo ampliadas para além do espaço escolar, o que implica em novas atenções para a formação destes profissionais, abordando principalmente significados de educação que não se restrinjam a educação escolar.

Sabemos da dificuldade e da complexidade de se reestruturar os currículos dos cursos de Pedagogia, porém não é possível deixar de pensar na “inclusão” das questões temáticas ainda não oferecidas a contento pelas estruturas atuais e elucidadas pelos sujeitos da pesquisa.

Libâneo (2000) sugere que as disciplinas específicas para “capacitar” os pedagogos a atuarem fora da escola, sejam oferecidas como optativas ou eletivas concomitante a formação básica ou mesmo a inserção destes temas como grupos de assuntos a serem abordados e melhor trabalhados pelas disciplinas e áreas curriculares já existentes no curso. Também considera que algumas áreas de atuação devam ser compreendidas em cursos de especialização programados para atender as necessidades que cada aluno possa vislumbrar como necessária para sua atuação futura ou mesmo presente.

Constata-se que existe, fora do ambiente escolar, instituições que buscam profissionais com uma formação ampla e diferenciada, possivelmente vindos da área da educação. Cabe aos egressos do curso que pretendem atuar nestas áreas, utilizarem-se da melhor maneira da formação obtida em um contexto geral. Ao mesmo tempo se faz necessário um olhar atento por parte da universidade para as ausências existentes na grade curricular do curso de Pedagogia.

Finalmente, a realização deste trabalho permitiu uma maior explicitação destes campos de atuação para o pedagogo e que são pouco trabalhados dentro do currículo obrigatório do curso de Pedagogia. Permitiu também através das experiências relatadas pelos profissionais, que sejam sugeridas algumas ênfases para a ampliação do currículo do curso de Pedagogia.

Anexo - Questionário (modelo)



Prezado Colega,

O interesse em conhecer a atuação do pedagogo fora da instituição escola, motivou o planejamento do meu TCC sobre esta temática pouco pesquisada.

Com a certeza de que um trabalho como este, muito auxiliaria os formados em pedagogia, venho solicitar a sua colaboração para responder o questionário abaixo.

A população com a qual estarei trabalhando é formada pelos egressos da Unicamp nos últimos três anos. Gostaria de enfatizar que, este trabalho só será possível se você retornar para mim o questionário, o que muito lhe agradeço e me coloco à disposição para o conhecimento dos resultados, caso seja de seu interesse.

Grata pela atenção,

Giuliana Trazzi

Pedagogia – UNICAMP (98)
R. Waldomiro Lobo da Costa, 291 – Vl. Progresso Jundiaí – SP 13202-423
(11) 4587-5230 / 486-7966 / 9868-6569
giullia_t@hotmail.com

QUESTIONÁRIO

- 1) Você está atuando na área da educação? Sim () Não ()
- 2) Em que instituição você atua? Escola () Hospital () Empresa () Meios de Comunicação () Ongs ()
Outras, quais? _____
- 3) Quais são as atividades que você desenvolve?
- 4) Quais os motivos que o/a levaram a atuar nesta área?
- 5) Em que medida, o conteúdo da sua formação em Pedagogia está contribuindo para a sua atuação?
Totalmente () Freqüentemente () Raramente () Nunca ()
- 6) Quais das áreas/disciplinas do seu curso lhe estão sendo de melhor auxílio?
- 7) O que você considera ter faltado no curso para a sua atual função?

Referências Bibliográficas

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objecto ou reconstruir uma problemática? In: ESTEVES, Antonio Joaquim & STOER, Stephen R. **A Sociologia na Escola. Professores, Educação e Desenvolvimento**. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem. Edições Afrontamento, 1992.

AGUIAR, Márcia Ângela & SCHEIBE, Leda. Fomação de profissionais da educação no Brasil: O Curso de pedagogia em Questão. IN: **Educação e Sociedade**, ano XX, n. 68, dezembro 1999 p. 220-277.

BHATNAGAN, O P. and DAHAMA, O P. **Education and Communication for Development**. Oxford & IBH Publishing CO. 2. ed. New Delhi. Bombay – Calcutta. 1985.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **A Educação Como Cultura**. São Paulo :Brasiliense, 1985.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *Da Educação Fundamental ao Fundamental da Educação*. IN: **Cadernos Cedes** n. 1. São Paulo, Cortez, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores – Busca e movimento**. Campinas, Papyrus, 1996.

/ DEMARTINI, Zeila de Brito F. & Fukui, Lia F. G. (coordenadoras). **Nível de Escolarização, educação informal e procura educacional**. Centro de Estudos Rurais e Urbanos – INEP, Brasília, 1980.

DEWEY, John. "Breve Tratado de Filosofia da Educação" IN: **Democracia e Educação**. São Paulo, Ed. Nacional, 1936.

FÁVEO, Osmar. (coord). **Tipologia da Educação Extra Escolar**. Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação – INEP. Instituto Nacional de Educação e Pesquisa Brasília – 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em Crise e a Educação. In: **A Crise dos Paradigmas e a Educação**. org: Zaia Brandão. – 5. Ed. São Paulo, Cortez, 1999. P. 58-66.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política. Impactos no associativismo do terceiro setor**. – São Paulo, Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. – 3. Ed. São Paulo, Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** – 3. Ed. São Paulo, Cortez, 2000.

LUDKE, Menga e André, Marli E. D. A. . **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PIERON, Raquel. **A Atuação do Pedagogo na Empresa**. Trabalho de Conclusão de Curso, orientação de prof. Dra. Aparecida Neri de Souza. Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão. A Formação de Educadores e a Constituição da Educação de Jovens e Adultos como Campo Pedagógico. IN: **Educação e Sociedade**, ano XX, n. 68, 1999. p. 184-201.

SAVIANI, Dermeval. Sentido da Pedagogia e Papel do Pedagogo (1984).

SCHMITZ, Egidio Francisco. A Educação Hoje. IN: **Educação**. Caderno 1. Puc - Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1978.

TASSELLI, Daniela de Fátima. **Educação Não-Formal e Identidade Sócio Cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso, orientação de prof. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson. Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas. 1999.

TRIVIÑOS, A N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.